

CICLOS

Por Carine Mendes

Telma olhava a lápide à sua frente com estranhos sentimentos, era toda contradição. Seus cabelos grisalhos, reunidos hermeticamente em um coque antiquado, estavam escondidos por baixo de um chapéu preto, também perdido no tempo. Suas feições guardavam um viço de beleza remanescente em uma estética fria de gárgula engessada. Em seus olhos nenhuma lágrima, apenas resignação, indiferença, ódio solidificado? Talvez. Telma olhava o nome escrito naquela pedra fria, seu marido decompunha-se a muitos palmos abaixo de seus pés e ainda assim ela sentia um medo magnético que a prendia. “Aqui jaz Joaquim...”, nem se deu ao trabalho de ler aqueles dizeres pela enésima vez. Eram palavras ocas, encrustadas em pedra vazia, a fingirem tradução de uma pessoa inexistente. Joaquim era avô, pai, marido, mas nunca foi, em nenhum desses casos, querido. Palavra interposta para mascarar os horrores de um monstro abominável e que se foi tarde demais. O tempo de sua presença foi dedicado inteiramente a se sobrepor a quem quer que estivesse em seu caminho, inclusive os seus, ou principalmente os seus. Era um homem seco, áspero e, sobretudo, frio. Morrerá de câncer aos 70 anos, deixando-a com 60, conheceram-se quando ela tinha 15 anos. Desde então, dedicara 45 anos a uma vida de submissão, invisibilidade e maus-tratos. Escondidos entre maquiagens e roupas longas estavam até recentemente os hematomas de amor eterno, prometidos e transformados em inscrições na pele que se prolongam até hoje. Aquele epitáfio era mais uma forma de violência, a violência do apagamento das verdades sobre quem de fato era Joaquim. Conheceram-se em 1950, ela se encantara por sua aparência, seu status social e sua fala mansa, casaram-se em 6 meses, pois ela já estava grávida, esperando a vida perfeita. Não demorou muito e as surras começaram, humilhações sem fim diminuíram seu apreço por si mesma, Telma virou lentamente um objeto sem vida a adornar os espaços, tornando-se oca por dentro. Se um dia sonhara em ser atriz, professora, alguém, esqueceu-se completamente. Lembrava-se das abotoaduras, de engraxar os sapatos, de costurar as roupas, passar os amassados, cozinhar a ceia e limpar toda a casa. Seu filho crescia ao seu lado, observando o arranhar das faces e as dores espalhadas por todos os cômodos, era um menino taciturno, odiava e admirava um pai que nunca notava sua existência, lhe restava a mãe, Telma, que havia virado uma gárgula, estagnada no tempo, a observar os passantes e congelar aqueles que a olhavam nos olhos. Não sabia se tinha amor pela criança que a seguia por toda parte, não sabia se cuidava ou se realizava mecanicamente as mesmas ações em diferentes espaços: limpar, vestir, alimentar, *ad infinitum*.

ODISSEIA
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

Não tinha amor para dar, não tinha nem mesmo a si mesma, fora destruída em miudezas rudes, palavras brutais e entalhes invasivos. Existia para satisfazer Joaquim, algoz de sua alma, não vivia de fato qualquer coisa além disso. Não sabia mais sentir. E naquele momento, em frente à lápide tão fria quanto ela, Telma ainda seguia sendo objeto. Visitava-o toda semana, perdida em pensamentos estranhos que submergiam de tempos esquecidos em que ela era alguém. Era como se uma outra pessoa tentasse reabitar seu corpo, ainda oco. O vento entrava por suas narinas e parecia criar ecos. Suas lágrimas haviam escoado de todo e há muito tempo, não sabia mais chorar.

Dira era uma mulher alta, imponente, chegou ao cemitério e foi logo notada pelos poucos transeuntes daqueles recônditos mórvidos. Usava um vestido preto elegante e bempodia estar indo a um baile tamanha era sua altivez e jovialidade. Estava aos 36 na flor dos desejos e já tão cedo, viúva. Seus olhos, escondidos em escuras hastes, lacrimejavam horas de vida perdida, ainda assim perdia mais alguns minutos a cada semana para visitar Joaquim, o desamor de sua vida. Conheceram-se quando ela tinha 15 anos, se apaixonaram perdidamente. Joaquim era tímido, submisso, inseguro, mas tinha um charme que só alguns homens sabem emanar, o de parecerem frágeis e vulneráveis em busca de consolo e proteção. Era no fundo uma criança grande, perdida em paredes sem afeto, transformadas pelos braços quentes de Dira. Não acreditava que naquele mesmo ano, Joaquim estaria aos 44 anos habitando para sempre os campos santos. Ela aproximou-se da lápide e depositou algumas flores, que eram mais para si, não gostava daquele cubículo sem vida, enfeitava a morte para amenizá-la. A verdade é que chorava por um Joaquim que nunca teve, um Joaquim que estava sempre num meio termo entre ser qualquer amor possível e nada ao mesmo tempo. Casaram jovens e tiveram logo um filho, nascido morto. Joaquim chorara aquela perda mais que ela, era sensível a todo abandono, nunca fora de fato amado, exceto por Dira. Outro filho veio um ano depois e ao contrário do esperado, Joaquim fechou-se para este que veio de fato nascido. Dira não entendia muito bem o que ocorrera, eram tão felizes, o futuro era uma dádiva de pequenos mimos imprevistos e da companhia eterna e cotidiana no amor pelas coisas simples. Elestinham recursos para viver confortavelmente e dinheiro nunca foi uma questão. Mas do momento em que se tornaram pais a realidade que os unia desmoronou, os grãos de amor escorriam lentamente na vida ampulheta. Era como se Joaquim, sendo pai, tivesse se tornado outro homem, um homem que Dira odiava cada segundo um tanto mais. Ele tornara-se esquivo, os esforços do filho o afastavam, em viagens incontáveis estava sempre ausente. Uma vez sendo confrontado por ela sobre o motivo de tal indiferença ele apenas respondeu que era insuportável demais. Parou no meio da frase em soluços

engasgados, fechara-se para sempre. Era um fantasma. Dira perseguia seu intento de ser um meio de ligação pelo filho, era a ponte mínima entre dois homens que nunca se comunicavam. Descobriu muito depois dessa revelação o que era tão insuportável para Joaquim. Ele amava imensamente aquele pequeno reflexo de si mesmo. O insuportável era suportar todo dia aquele amor desmesurado, sem razão, sem limite. Amara poucas pessoas na vida, considerava Dira sua libertação, mas aquele filho era uma ameaça aos limites de si mesmo. E foi o acúmulo de tudo isso que levou Dira àquele instante, no bilhete terminal ele completara a frase engasgada, incomunicada em vida, jogou-se do 9º andar. “O amor me destruiu”. Dira olhava a lápide e chorava pela vida que não teve.

Vestida em uma bata preta e confortável, Leila andava pela grama. Achava ridícula aquela pedra escrota “Querido Joaquim e blábláblá”, família de hipócritas insensíveis! Tinha a impetuosidade dos 18 anos esborrando pelos contornos. Entre rompantes de indignação, soluçava inquieta, sem saber como extravasar a raiva que a consumia, sentia-se desprotegida. Leila conhecera Joaquim aos 15 anos, ele com 16. Amou-o sem perceber e descobriu uma lealdade obsessiva. Eram extremamente passionais, inconsequentes. Entre vícios, apostas e riscos, amavam-se sem retorno. Nunca tiveram amor, abrigo, apoio, encontraram tudo isso nesta mistura combustão que os uniu de forma quase doentia. Não conseguiam passar um dia sem se ver. Estavam sempre se esgueirando pelas frestas para saciarem um desejo de sucumbirem entre si. Tudo era urgente, explosivo, instável. Destruíam-se nesse amor de ontem, entre brutalização e dor, humilhavam-se na impossibilidade de viverem separados. E como se o gozo constante não bastasse, atiravam-se em adrenalinas progressivas para saciar os buracos intangíveis e mútuos. Começaram os estilhaços, regados a alcoolismo, heroína e músicas entorpecentes. Leila e Joaquim eram mistura inconsolável. Dois vazios se preenchendo em um amor sem regras. Dormiam na translucidez dos corpos opacos e fundidos e, há três meses, Joaquim não acordou mais, overdoses de paixão aos 19 anos. Leila partira-se em mil pedaços. Se culpava e culpava Joaquim, maldizia o dia em que se conheceram, não sabia o que fazer. Joaquim era, agora, sua abstinência. Deitou-se e abraçou a grama, no chão que ousava separá-los em uma distância sem fim. Olhou para seu ventre, o bebê já começava a sinalizar vontades. Como se cumprimentasse o pai morto, aquele bebê vivo estendeu-lhe a mão, para sempre intocada por Joaquim, que morreu sem saber que era pai.

Telma, Dira e Leila cruzaram-se na saída do cemitério, cada uma com seus fardos, cumprimentaram-se como puderam, eram totalmente estranhas e infelizes, ainda assim cúmplices, unidas por Joaquims em

correntes intermináveis de solidão e desperdício. Telma pergunta pelo nome da criança, Guilherme. Dira esboça um meio sorriso. A esperança do fim de ciclo.

+ Joaquim H. T. (1925 – 1995)

“Querido avô, marido e pai..”

+ Joaquim M. T. (1951 – 1995)

“Querido filho, marido e pai...”

+ Joaquim S. T. (1976 – 1995)

“Querido neto, filho e pai...”